

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

KRISHNA LAINEQUER KOHLER

A MULHER NA NATAÇÃO E A DOMINAÇÃO MASCULINA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2018

KRISHNA LAINEQUER KOHLER

A MULHER NA NATAÇÃO E A DOMINAÇÃO MASCULINA

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, Curso de Bacharelado em Educação Física, Departamento Acadêmico de Educação Física – DAEFI, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Gilmar Afonso

CURITIBA

2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná

Campus Curitiba
Gerência de Ensino e Pesquisa
Departamento de Educação Física
Curso Bacharelado em Educação
Física



TERMO DE APROVAÇÃO

A MULHER NA NATAÇÃO E A DOMINAÇÃO MASCULINA

Por

KRISHNA LAINEQUER KOHLER

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado em 25 de junho de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Educação Física. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado**.

Prof. Dra. Gilmar Francisco Afonso
Orientadora

Prof. Dr. Ana Paula Cabral Bonin Maski
Membro titular

Prof. Dr. Josiette Barchik Lunkmoss Dall Acqua
Membro titular

RESUMO

KOHLER, Krishna Lainequer **A mulher na natação e a dominação masculina**. 2018. 45f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação). Bacharelado em Educação Física – Departamento Acadêmico de Educação Física. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

As mulheres lutam através dos tempos pelos direitos de igualdade em diversos campos como ciência, arte, cultura e também no campo esportivo. Dentre os direitos defendidos estão, maior acesso à educação, salários equitativos com os dos homens, direito de tomada de decisões individuais relativas à gravidez, entre outros. Este trabalho tem como objetivo principal apresentar o sexíssimo sofrido por alunas que frequentam escolas de natação em Curitiba-PR. Para tal, usamos como metodologia a pesquisa de natureza mista, ou seja, qualitativa e quantitativa. Participaram 29 mulheres devidamente matriculadas em escolas de natação da cidade de Curitiba/PR. Foi utilizado como instrumento para a coleta de dados um questionário adaptado com 9 perguntas no total sendo 4 perguntas objetivas e 5 discursivas. A análise dos dados foi realizada em duas frentes, a parte quantitativa foi realizada a partir de tabulação por frequência percentual e convertida em gráficos; já a parte qualitativa foi categorizada por meio da análise de conteúdo e depois interpretada à luz do referencial teórico. Como resultado, constatamos que 90% das mulheres praticantes de natação em escolas privadas não se sentem à vontade durante as aulas; 93% das mulheres relataram que perceberam algum tipo de misoginia sofrido pelas colegas nadadoras; 73% relataram que sentem desconforto em relação ao traje (maio) e 97% das mulheres acreditam que o esporte em geral é um campo de dominação masculina. Recomendamos a realização de outros estudos mais aprofundados sobre pois, ao final desta pesquisa fica claro o quanto o feminismo é necessário e através deste, é possível um entendimento da relação forçada que é imposta sobre as mulheres e a partir deste entendimento é possível ser feita uma conscientização social sobre os direitos igualitários.

Palavras-chave: Mulher. Natação. Preconceitos.

ABSTRACT

KOHLER, Krishna Lainequer The woman in swimming and male domination. 2018. 45f. Graduation Work (Bachelor's Degree in Physical Education - Academic Department of Physical Education. Federal Technological University of Paraná, Curitiba, 2018.

Women struggle over time for equal rights in various fields such as science, art, culture and sports. Among the rights defended are, greater access to education, equal wages with men, the right to make individual decisions regarding pregnancy, among others. This work has as main objective to present the sexism suffered by students who attend swimming schools in Curitiba-PR. For this, we use as methodology the research of mixed nature, that is, qualitative and quantitative. Participated 29 women duly enrolled in swimming schools in the city of Curitiba / PR. A questionnaire adapted with 9 questions in total was used as instrument for data collection, with 4 objective questions and 5 discursive questions. Data analysis was performed on two fronts, the quantitative part was done from tabulation by percentage frequency and converted into graphs; the qualitative part was categorized through content analysis and then interpreted in the light of the theoretical reference. As a result, we found that 90% of women swimming in private schools do not feel comfortable during classes; 93% of the women reported that they perceived some kind of misogyny suffered by their fellow swimmers; 73% reported feeling discomfort in relation to the suit (May) and 97% of women believe that sport in general is a field of male domination. We recommend further studies to be carried out since, at the end of this research, it is clear how much feminism is necessary and through this, it is possible an understanding of the forced relation that is imposed on women and from this understanding it is possible to make a social awareness of egalitarian rights.

Keywords: Woman. Swimming. Prejudices.

LISTA DE GRAFICOS

GRAFICO 1 - VOCÊ SE SENTE TOTALMENTE À VONTADE DURANTE AS AULAS DE NATAÇÃO? 23

GRAFICO 2 - DURANTE AS PRÁTICAS DE NATAÇÃO VOCÊ JÁ PERCEBEU OU TEVE RELATO DE ALGUM TIPO DE MISOGINIA SOFRIDA POR ALGUMA COLEGA NADADORA? 24

GRAFICO 3 - VOCÊ SENTE ALGUM DESCONFORTO EM RELAÇÃO AO TRAJE USADO PARA A PRÁTICA DA NATAÇÃO (MAIÔ) EM RELAÇÃO AOS COLEGAS DO HOMENS? 25

GRAFICO 4 - NA SUA OPINIÃO O ESPORTE EM GERAL AINDA É EM SUA MAIORIA DOMINADO POR HOMENS? 26

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - O QUE VOCÊ ENTENDE POR MACHISMO?	27
TABELA 2 - DESAFIOS ENFRENTADOS POR MULHERES NA PRÁTICA DA NATAÇÃO	29
TABELA 3 - MULHERES NADADORAS POR ELAS MESMAS	30
TABELA 4 - SITUAÇÃO DE MACHISMO DURANTE AS AULAS.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
1.1 JUSTIFICATIVA.....	10
1.2 PROBLEMA.....	10
1.3 HIPÓTESE.....	10
1.4 OBJETIVO GERAL.....	11
1.5 OBJETIVOS ESPECIFICOS.....	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA NATAÇÃO FEMININA	12
2.2 MULHER ATLETA	13
2.2.1 Natação como esporte ideal para a mulher	14
2.3 CORPO FEMININO CONTROLADO PELA SOCIEDADE	15
2.4 PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO.....	16
2.4.1 Definições de elementos	16
2.4.2 Abordagem Psicológica e Sociológica	16
2.4.2.1 Abordagem Psicológica	17
2.4.2.2 Abordagem Sociológica	17
2.5 PIERRE BOURDIEU E A DOMINAÇÃO MASCULINA	18
3. METODOLOGIA	21
3.1 TIPO DE ESTUDO.....	21
3.2 PARTICIPANTES	21
3.2.1 Critérios de Inclusão	21
3.2.2 Critérios de exclusão	22
3.2.3 Riscos	22
3.2.4 Benefícios	22
3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS	22
3.3.1 Instrumentos	22
3.3.2 Procedimentos	22
3.4 ANÁLISE DE DADOS	23
4. RESULTADOS E DISCUÇÃO	24
CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICES	40

1. INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno social que carrega significados e tem o potencial de retratar elementos de forma muito similar ao que ocorre em outros espaços sociais (MARCHI JÚNIOR, 2004).

Assim, é possível se aprofundar em alguns elementos como: contribuição histórica de seu surgimento e prática, a posição que as modalidades ocupam no espaço dos esportes, elementos e diferenças que são conferidos aos envolvidos, bem como, os desafios enfrentados nesse contexto (MARCHI JÚNIOR, 2004).

Assim, fendas e continuidades são destacadas de modo a firmar o esporte como objeto de estudo passível de interpretações de diferentes propostas teórico-metodológicas, as quais possibilitam a identificação do esporte nas temáticas como o lazer, a corporeidade, as organizações sociais, as manifestações culturais e étnicas, discriminação de idade e gênero, meio ambiente, dentre tantas outras (MARCHI JÚNIOR, 2004).

Relacionando-nos no ponto de vista de análise assumida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983a), na qual a prática e o consumo do esporte se constroem sob a noção de oferta e demanda, que por sua vez está alicerçada na distinção dos corpos e das práticas, propomos nesse trabalho resgatar elementos da história da mulher na natação para melhor compreender a procura por esta determinada prática.

Na história nacional, a legislação manteve as mulheres restritas a determinadas modalidades de exercícios físicos e esportes, com base em alguns biólogos. O Estado abordou esta questão da participação feminina no esporte, reproduzindo ideais sexistas que determinavam as diferenças na prática de atividades físicas de homens e mulheres (CASTELLANI FILHO, 1997).

Em fins do século XIX e início do século XX, Rui Barbosa e Fernando de Azevedo atribuíam à figura feminina associada à da mãe, um papel decisivo na suavização do povo brasileiro, através de uma Educação Física integral, que incluía a ginástica calistênica e esportes menos violentos, como a natação (SOARES, 1994; DEVIDE, 2003).

1.1 JUSTIFICATIVA

Há muito, as mulheres lutam pelos direitos de igualdade em diversos campos como ciência, arte, cultura e também no campo esportivo. Dentre os direitos defendidos estão, maior acesso à educação; salários mais equitativos com os dos homens; o direito de iniciar o processo de divórcio; o direito da mulher de tomar decisões individuais relativas a gravidez (incluindo o acesso aos contraceptivos e ao aborto); e o direito de propriedade. Segundo (MOLYNEUX, 2003) o movimento feminista não podia deixar de reconhecer a capacidade do Estado moderno para influenciar a sociedade como um todo não só de forma coercitiva com medidas punitivas mas através das leis de políticas sociais e econômicas de ações de bem-estar de mecanismos reguladores da cultura e comunicação públicas, portanto como um aliado fundamental na transformação da condição feminina, totalmente necessário para a luta.

Com toda discussão sobre a violência contra as mulheres paramos para pensar que no esporte as mulheres sofrem e sentem muito mais esta dominação masculina (SCHUMAHER; BRAZIL, 2000).

1.2 PROBLEMA

Quais fatores determinam o machismo contra as mulheres no contexto da natação em escolas da cidade de Curitiba/PR?

1.3 HIPÓTESE

A mulher em sua essência sempre foi alvo de paradigmas e preconceitos, sua participação no contexto esportivo não foi diferente sendo alvo de exclusão em suas tentativas de entrar em igualdade com os homens. Apesar das mudanças sofridas através de lutas constantes por direito a igualdade conseguiram alcançar alguns de seus objetivos nos esportes, mas ainda falta muito.

1.4 OBJETIVO GERAL

Analisar quais fatores determinam o machismo contra as mulheres no contexto de natação em escolas da cidade de Curitiba/PR?

1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Verificar como elas percebem esta situação e como se sentem em relação a mesma.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA NATAÇÃO FEMININA

Para construir a narrativa, apresentamos algumas evidências da evolução da participação das mulheres na natação de competição.

A primeira competição feminina de natação na Associação Athletica São Paulo (A.A.S.P.) clube que revelou as irmãs Lenk, no “Livro de Registro de Nadadores”, iniciado em 1915, consta o nome da Sta. Haydée Bueno de Camargo, brasileira, como tendo participado em 25 de março de 1917, da prova demonstrativa de 50 metros, o “páreo elegância”, e levou medalha de prata, o Diário Popular acompanhou e parabenizou a iniciativa da A.A.S.P. de incluir prova feminina no concurso aquático no rio Tietê (DEVIDE, 2003).

O texto dá indício de iniciativas falhadas, deixa implícito o risco de a inserção feminina causar “barulho” na sociedade paulista, pois muitas mulheres daquela sociedade, na década de 1930, não praticavam esportes pois tinham receio de serem consideradas vulgares deixando a prática para as classes populares (CUNHA JÚNIOR et al., 1999).

A mídia favorecia a natação como atividade apropriada à natureza feminina. Segundo Maria Lenk, haviam os homens que não gostavam da mulher ingressar na vida pública e havia os que estimulavam através da mídia e da direção de clubes (LENK, 1986).

O “páreo Elegância”, do evento da A.A.S.P., foi bem aceito entre as mulheres da sociedade paulista e nos clubes ribeirinhos ao Tietê, como o Clube Espéria e o Estrela, onde a prática esportiva feminina aumentou (LENK, 1986).

A participação de mulheres não era permitida em alguns ambientes sociais até meados do século XIX no Brasil, e não era diferente no esporte, pois sua criação consistia em ser esposa e mãe, este quadro teve uma mudança para os tempos atuais, atento aos avanços dos países europeus e seus costumes que vinham importados, chegam também a luta feminina que fazem as mulheres brasileiras perceber que deveriam lutar por igualdade como o cuidado com a aparência, saúde e com maior presença na vida social das cidades, as mulheres das camadas mais ricas que tinham acesso a mais informações tinham um conhecimento mais significativo e

davam início aos gritos em prol das mulheres, então iniciou-se uma preocupação por uma sociedade construída e dominado por homens e colocava em perigo algumas características de sua feminilidade (GOELLNER, 2005).

Lembrando que neste período as práticas de atividades física eram quase que inexistente nas instituições de ensino, e só começaram a ser praticadas após a interferência de médicos higienistas que estudavam a importância da educação do corpo, esta discussão identificou o esporte como forma privilegiada de desenvolver as aptidões hereditárias de cada indivíduo, aumentando a saúde da população (DAOLIO, 2003).

2.2 MULHERES ATLETAS

A mulher, nos dias de hoje, faz do esporte até mesmo profissão, elas já estão inseridas no contexto sócio esportivo e competitivo em todas as modalidades apresentando força no esporte profissional e se igualando aos homens, inclusive em recordes e premiações. As atletas possuem vários ideais nos esportes de rendimento, alguns como o de alta performance, o ideal próprio está ligado a conquista de medalhas, o reconhecimento da sociedade, da família, de superação, etc. Neste sentido as mulheres passam a se sacrificar em treinos exaustivos conduzindo a uma sobrecarga para alcançarem maiores resultados em seus esportes por influências diversas de seus dirigentes, patrocinadores, enfim, desrespeitando seus próprios limites e fazendo uso de substâncias proibidas como os anabólicos, tudo em busca de um ideal que pode ser estético/simbólico para a sociedade ou até mesmo a igualdade masculina (KNIJNIK, 2003).

Algumas iniciam no esporte por vontade própria como revela a pesquisa de Miriam Adelman (1998), mesmo que contra a vontade da família por serem esportes perigosos, outras entram por recomendação médica ou apoio da família e depois acabam gostando e descobrindo seus talentos o que leva para o treinamento de rendimento e competição, nota-se também a preferência de algumas atletas em esportes como ginástica, patinação artística, tênis, etc.

2.2.1 Natação como esporte ideal para a mulher

Nas atividades físicas, a dança e a ginástica eram consideradas as mais indicadas às mulheres, nos esportes, a natação. Revistas como a *Sports em São Paulo* e a “*Tricolor*” no Rio de Janeiro, publicavam artigos sobre natação e “educação física” feminina, a natação reconhecia as qualidades femininas nos anos de 1920, ligações estreitas com a percepção da ‘natureza’ feminina, “a água lembra a maternidade, nesse cenário eles [os corpos femininos] podem até competir” (SCHPUN, 1999, p. 51-52).

Fernando de Azevedo (1915) propõe para a “Educação Física Feminina”, que deve constar de: jogos infantis, ginastica sueca tais como dança clássica ao ar livre e finalmente a natação que é o esporte utilitário de maior capacidade higiênica e morfogênica.

Os exercícios que mais convém à mulher são aqueles que aumentam a flexibilidade e a destreza da coluna vertebral, da flexibilidade do tronco e da harmonia dos movimentos, educação física para moças deve ser higiênica e estética e nunca ‘atletica’, visar o desenvolvimento da parte inferior do corpo, dar graça e destreza aos movimentos, procurando antes a velocidade do que a força, as meninas e moças poderão fazer os exercícios respiratórios procurando o desamor pelo espartilho que deforma o tórax e prejudica a respiração, os exercícios para a mulher devem ser menos enérgicos e ter menos duração, contra indicado todo e qualquer exercício que exija dispêndio muscular intenso e prolongado, o excerto de Azevedo normatiza as práticas corporais destinadas às mulheres, incorpora ideais da época, como o discurso higienista, a educação dos corpos e a beleza física associada à ideia de saúde e melhoria da raça (PRIORE, 2000).

A prática esportiva competitiva e de alta intensidade com base na crença de que a natação era um esporte que dispensava a força e por ser realizado ao ar livre e na água era higiênico e capaz de trazer benefícios ao corpo feminino. “À natação gozava a fama de dispensar a força física muscular, portanto não prejudicando as virtudes femininas de graciosa fragilidade impostas pelo machismo dominador” (LENK, 1986, p. 17), ecoando o que escrevera no seu primeiro livro: “Leva este desporto a vantagem sobre os demais, por ser executado nas melhores condições higiênicas” (LENK, 1942, p. 11).

2.3 CORPO FEMININO CONTROLADO PELA SOCIEDADE

Pensando em feminismo nos dias de hoje os corpos são levados por meios sociais, embora haja uma discussão entre os que pensam mais radicalmente (o corpo como produto da argumentação) e os que defendem o corpo como material “anterior ao discurso” ambos contribuem para a construção dos corpos como femininos e masculinos, o que em uma ordem de poder tem uma relação fundamental, e então o feminismo torna-se essencial, e permite o entendimento da construção desses (BUTLER, 1997).

Segundo Butler (1997), os corpos femininos são produzidos como submissos enquanto o corpo masculino é poderoso, estabelecidos em um “ritual” social, dando ênfase ao gênero:

O gênero se institui através da repetição estilizada dos atos [...] através da estilização do corpo [...] como a forma mundana em que gestos e movimentos do corpo, assim como vários tipos de encenações, constituem uma ilusão de um obediente self generificado [...] uma façanha performativa na qual o público social mundano – que inclui os atores mesmos – acaba acreditando e encenando de acordo com a crença. Se a base da identidade de gênero é a repetição estilizada dos atos através do tempo [...] então as possibilidades de transformação do gênero se encontram nas relações arbitrárias entre os atos, na possibilidade de outras formas de repetição, na quebra ou repetição subversiva desse estilo (BUTLER, 1997, p. 402).

Autoras como Bordo (1997) e Bartky (1997) se inspiram em Foucault para ter uma noção do biopoder, Bartky (1997) discursa que a construção de corpos femininos dóceis e disciplinados está correlacionado ao poder patriarcal, sendo assim o corpo da mulher é mais “dócil” que o corpo do homem, é um poder que toma as ideias da sociedade em geral, Bordo (1997) estuda com detalhes a construção deste corpo feminino, tanto no sentido de “construção” do corpo como (regimes, exercício exaustivos, dieta, cirurgias, cosméticas, sempre procurando alcançar o padrão de beleza estabelecido criando uma obsessão com a sua imagem, a moda que sustenta a cultura narcisista imposta pela indústria cultural e no sentido das imagens culturais onde estas práticas se apoiam, tornando esta “feminilidade” a preocupação central da vida de muitas mulheres.

A historiadora Brumberg (1997), trabalha com evidências que expõem um século de diários de meninas adolescentes, observando este material ela conclui que as meninas de outra época escreviam mais sobre os desafios de amadurecer; já nos dias atuais a maior preocupação está na aparência e como o corpo se apresenta para a sociedade, para essas meninas sua aparência importa mais que seu caráter.

Segundo Bordo (1997) a nossa cultura atual apresenta o sucesso das mulheres estando relacionado e limitado pela estética deixando obvio a importância desta construção para a aceitação, esta limitação estética pode ser entendida inclusive como comportamental.

2.3 PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

2.4.1 definições e elementos

Preconceito e discriminação estão relacionados e apesar de designarem fenômenos diversos são por vezes utilizados de modo irregular, sendo necessário fixar seus sentidos. Por preconceito, entende-se as negativas por grupos socialmente inferiorizados, bem como as representações sociais conectadas a tais percepções. Já o termo discriminação determina a materialização das relações sociais de atitudes desnecessárias, boas ou ruins, relacionadas ao preconceito que produzem violação de direitos dos indivíduos e dos grupos. O primeiro termo é muito utilizado nos estudos acadêmicos, principalmente na psicologia e ciências sociais; e muito difundido no vocabulário jurídico (BUTLER 2003).

2.4.2 Abordagem psicológica e sociológica

Há uma rica literatura científica sobre o preconceito e a discriminação, sua natureza e dinâmica de dois campos do saber que deles costumeiramente se ocupam, quais sejam, a psicologia e a sociologia. Apesar de terem diferentes conceitos tem sido estudadas juntas pela sua obvia correlação (BRUEHL, 1996).

2.4.2.1 Abordagem psicológica

Preconceito é o termo utilizado de modo geral para indicar a existência de percepções negativas por parte de indivíduos e grupos que se mostram desfavoráveis em face de outros indivíduos e grupos dados como uma categoria inferior, isso deve-se a irracionalidade, autoritarismo, ignorância, pouca disposição à abertura mental e inexistência de contato ou pouca convivência com membros dos grupos inferiorizados (FOUCAULT, 2002).

As abordagens psicológicas buscam na consciência dos indivíduos as raízes do preconceito, basicamente elas podem ser divididas em dois grandes grupos: as teorias do bode expiatório e as teorias projetionistas. O primeiro pode ser nomeado como "teorias do bode expiatório", diante da frustração os indivíduos procuram identificar culpados e causadores da situação que lhes causa mal estar, elegendo certos indivíduos e grupos para este lugar. O segundo grupo por sua vez, pode ser indicado como "teoria projetionista", os indivíduos em conflito interno tentam solucioná-lo mediante sua projeção parcial ou completa em determinados indivíduos e grupos, razão pela qual lhes destinam tratamento desfavorável chegando à violência física que pode alcançar até a um crime de assassinato (POCAHY 2006).

2.4.2.2 Abordagem sociológica

Numa perspectiva sociológica o preconceito é definido como uma forma de relação intergrupal onde no quadro específico das relações como as imposições de grupos desenvolvem e expressam atitudes depreciativas e comportamentos discriminatórios em relação as pessoas que pertencem a este grupo, os processos cognitivos que se desenvolvem neste tipo de relações sociais, assim construindo estereótipos (PASSOS 2001).

Em relação as abordagens sociológicas por sua relevância teórica e pela influência, duas contribuições específicas: a obra de Erving Goffman transcreve a leitura marxista mais divulgada. Com efeito, e por meio desta ideia formulada por Goffman (1988), que são conduzidas muitas análises das relações sociais marcadas pela discriminação. Segundo Parker e Aggleton (2002), Goffman, ao preceber em uma

relação negativa sobre os indivíduos é capitada uma relação de desvantagem, um processo social. Seguindo ainda a perspectiva marxista tradicional, preconceito e discriminação seriam produtos e manifestações das reais condições que mantêm, refletem, criam e recriam a alienação humana; são questões como por exemplo a racial que é estudada por Octavio Ianni (1997), contradições étnicas, raciais, culturais e regionais são muito importantes para compreendermos o movimento da sociedade tanto na luta pela conquista da cidadania, como na transformação social, no sentido do socialismo. Teoricamente é vista uma abordagem onde o tratamento colateral, quando não secundário e subordinado do preconceito e da discriminação às "problemáticas maiores" do nacionalismo, do imperialismo, do colonialismo e das classes sociais, no sentido da revolução capitalista e de sua superação pelo socialismo. Então, na área dos estudos sobre preconceito e discriminação é de se destacar a contribuição dos estudos culturais, de acordo com esta perspectiva, as identidades são produzidas a partir das diferenças na medida em que às diferenças são atribuídas determinadas significações, deste modo não é a discriminação que é produzida pela diferença e por ela precedida; ao contrário, é a discriminação que atribui um certo significado negativo e institui a diferença.

2.5 PIERRE BOURDIEU E A DOMINAÇÃO MASCULINA

Em uma análise da sociedade, destaca-se a afirmação da dominação do gênero masculino como sendo uma prática já corporificada ao ser humano. Ao observar os órgãos externos de uma criança ao nascer, se relaciona com uma condição válida para toda a vida. Em suma, o nosso sexo define se seremos dominados ou dominadores (BOURDIEU, 1998).

Num mundo onde o sexo masculino tem uma maior importância, deduz-se que uma recém-nascida já tem a desvantagem pois já nasce como sujeito "dominado", sendo assim, a relação que ela tem com o mundo se inicia como uma relação de forças e será reproduzida pela sociedade e pelas instituições que a formam (BOURDIEU, 1998).

Mulheres estas que sofrem um assédio conhecido por violência simbólica que segundo Bourdieu (1998) trata-se de uma violência verbal, onde a parte dominante no caso a masculina usa de uma relação de força, assumindo-se como conivente e autoritária, esta violência é percebida quando o assédio é feito por forma de elogio.

No entanto, após uma breve reflexão sobre a sociedade contemporânea de diversos países, pode-se concluir facilmente que ainda vivemos num mundo onde há a predominância da dominação masculina. Esse fator acentua-se em povos árabes, onde as influências da religião e da cultura fazem com que a mulher seja vista como totalmente submissa ao homem, bem como é tida apenas como uma espécie de cuidadora e reprodutora. A religião, de um modo geral, reforça bastante essa ideia da mulher como sempre disposta a servir, a perdoar, a ser submissa e a completar-se na maternidade (BOURDIEU, 1998).

Historicamente é inegável que as mulheres sempre enfrentaram a desigualdade, e é tão verdade quanto o fato de que elas nunca se submeteram completamente, essa passividade alegada por Bourdieu (1998), não encontra paralelos na história, pois a resistência é parte inerente da dominação, tencionando o poder o tempo todo, as mulheres sempre foram vistas como um ser fraco, com as únicas finalidades de reproduzir a espécie e ser submissa ao homem. O papel da mulher na sociedade começou a mudar quando esta passou a atuar de forma significativa. Todos os direitos que têm hoje são resultados de uma história de lutas e de merecidas conquistas, no qual se enquadram o tão sonhado destaque dentro dos mais diversos campos e a igualdade de seus direitos quanto aos dos homens. Mas, ainda sim, o nosso cotidiano é formado pela dominação de gênero. Em meio às nossas atividades mais rotineiras, a situação privilegiada do homem aparece como algo natural. O fato de que mulher e homem vivem uma relação hierarquizada, tem sido apontado em várias pesquisas e pode ser por nós visualizado diariamente sem oferecer nenhuma dificuldade (BOURDIEU, 1998).

Perante as questões de feminilidade e poder assumido pelas mulheres, Bourdieu (1998) ressalta que ser “feminina” é essencialmente evitar todas as propriedades e práticas que podem funcionar como sinais de virilidade; e dizer a uma mulher de poder que ela é “muito feminina” não é mais que um modo particularmente sutil de negar-lhe qualquer direito a este atributo, caracteristicamente masculino, que é o poder. Ou seja, um pensamento completamente machista, onde ele ressalta a ideia de que uma mulher não pode ser feminina e ocupar cargos de poder ao mesmo tempo, bem como a caracterização de uma mulher de poder como sendo esta “masculinizada” (BOURDIEU, 1998).

As relações de gênero estão diretamente ligadas às diretrizes de dominação e poder, o poder necessariamente implica numa relação de dominação, que nesse

caso é de homens sobre mulheres, e a noção de dominação está na base da violência simbólica. Portanto, segundo (BOURDIEU 1998), a eficácia desta dominação está nos dominados se integrarem como parte da dominação sem ter consciência de sua própria dominação. As relações de poder não são estáticas, tampouco se encerram no binômio dominador/dominado, em função do poder não estar localizado num lugar específico, pois as relações de força interagem entre si.

As diferenças de gênero começam desde cedo, onde as meninas são estimuladas a serem mais dóceis, compreensivas, cuidadosas, e os meninos a serem corajosos, másculos e, conseqüentemente, dominadores, se estes meninos crescerem e não passarem esta ideia de masculinidade e superioridade acabam não sendo vistos completamente como homens. Bourdieu (1998) explica que os homens sofrem muito com o machismo e esse dever de virilidade constante. Segundo ele, “o papel principal custa muito”, o que acarreta aos homens serem vítimas da própria dominação.

Contudo, se ambas as partes reconhecem a necessidade de certas mudanças nas atribuições dos direitos e deveres, é de se esperar grandes revoluções no que diz respeito ao papel social do indivíduo, independentemente de gênero, perante a sociedade. As mudanças até que acontecem, mas com bem menos intensidade do que podemos esperar. Uma grande dificuldade se dá no fato da questão da diferença de gêneros estar internalizada nos indivíduos por meio de um longo processo histórico, ou seja, a existência do capital cultural, e pela sensação de superioridade. Mesmo que haja a vontade de se obter uma total igualdade de gêneros, até mesmo por parte de muitos homens, o poder e os hábitos que estes estão acostumados a ter faz com que muitos se mantenham à margem dos processos de mudança (BOURDIEU, 1998).

A obra de Bourdieu (1998) se faz muito importante na compreensão da lógica da dominação masculina, e seu esforço merece devido reconhecimento. Contudo, ainda há muito o que se fazer para que seus conceitos atenham-se apenas ao passado. Um dia ainda teremos a palavra “desigualdade” remetida apenas à história das sociedades.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

3.1 TIPO DE ESTUDO

O presente estudo é qualitativo com elementos quantitativos, de caráter descritivo e comparativo. O método qualitativo é usado para interpretar falas e/ou depoimentos colhidos por intermédio de entrevistas com a finalidade de obter um significado para o que está ocorrendo em determinada realidade social. A pesquisa qualitativa é realizada em um ambiente natural e o pesquisador é o principal instrumento para coleta e análise dos dados (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007).

O método quantitativo apresenta informações de natureza numérica, o pesquisador classifica, ordena ou mede as variáveis para apresentar estatísticas, comparar grupos ou estabelecer associações (VIEIRA, 2009).

A pesquisa de caráter descritivo caracteriza-se pela formulação de questões diretas para uma amostra representativa de sujeitos por meio de um roteiro previamente elaborado. Tem por objetivo a identificação de opiniões, valores, condutas, vivências, etc. (CRESWELL; CLARK, 2013).

Sobre a pesquisa comparativa, os autores Thomas, Nelson e Silverman (2007) explicam que o objetivo deste método é investigar fatos, características ou pessoas, apresentando suas diferenças e semelhanças.

3.2 PARTICIPANTES

Esta pesquisa foi composta por 29 nadadoras pertencentes a escolas de natação na cidade de Curitiba/PR.

3.2.1 Critérios de Inclusão

Mulheres adultas entre 20 e 40 anos.

Devidamente matriculadas em escolas privadas de natação, n cidade de Curitiba Pr.

3.2.2 Critérios de Exclusão

Mulheres que faltaram no dia da aplicação do questionário.

Mulheres que não devolveram o questionário.

3.2.3 Riscos

Pode ter havido certo constrangimento ao responder o questionário. Afim de minimizar este possível constrangimento, foi explicado as participantes que seus nomes não foram divulgados.

3.2.4 Benefícios

As mulheres puderam se expressar e contribuir para a luta feminina contra a dominação masculina.

3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

3.3.1 Instrumentos

Foi utilizado um questionário com nove perguntas mistas (abertas e fechadas) baseado no roteiro de entrevista (SALVINI, 2012).

3.3.2 Procedimentos

Primeiramente foi feito contato com escolas de natação para pedido de autorização da coleta de dados, assim que autorizado foi feita uma reunião com as

participantes minutos antes do treino que foi feito em algum espaço cedido pelas escolas onde foi explicado o objetivo da pesquisa e o procedimento da coleta de dados e então receberam o questionário com nove perguntas impressas, que responderam em casa e retornaram com o documento na semana seguinte.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados foram digitados em uma planilha no programa Excel. A primeira parte da análise foi realizada de forma quantitativa, os dados obtidos foram tabulados por frequência percentual e convertidos em gráficos. A segunda parte da análise dos dados foi realizada de forma qualitativa por meio da análise de conteúdo, proposta por Bardin (1979).

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 29 mulheres com idade entre 20 e 40 anos devidamente matriculadas em alguma escola de natação na cidade de Curitiba e que responderam às perguntas do questionário baseado no roteiro de entrevista (SALVINI, 2012). A seguir, apresentamos as perguntas feitas as participantes e seus respectivos resultados tabulados para melhor observação e entendimento.

Você se sente totalmente à vontade durante as aulas de natação?

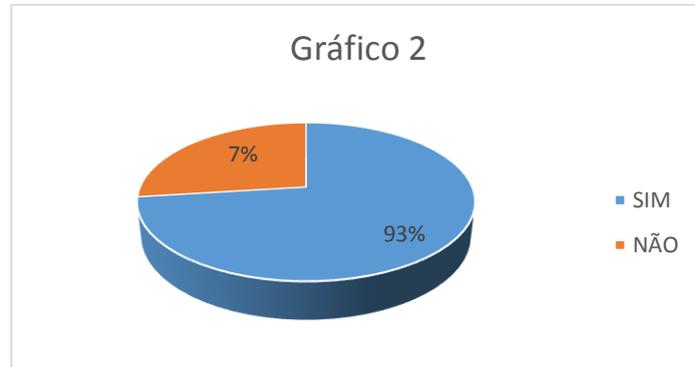


Fonte: O autor (2018)

De 29 mulheres, 26 responderam que não se sentem à vontade (90%) e 3 mulheres responderam que se sentem à vontade (10%).

Um número tão expressivo de mulheres que não se sentem totalmente à vontade durante a prática de um esporte deve-se ao fato de que as mulheres sempre sofreram algum tipo de repressão, a chamada “violência contra a mulher” expressão que a pouco mais de vinte anos era cunhada pelo movimento social feminista. A expressão refere-se a várias situações tais como os assassinatos ligados ao dote sexual, a violência física e psicológica cometida por parceiros íntimos, a violência étnica e racial, o estupro, o assédio sexual no local de trabalho, a violência contra a homossexualidade, o tráfico de mulheres, o abuso sexual de meninas, o turismo sexual, a violência cometida pelo Estado, por ação ou omissão, a mutilação genital feminina, o estupro em massa nas guerras e conflitos armados (TELES e MELO 2002).

Durante as práticas de natação você já percebeu ou teve relato de algum tipo de misoginia sofrida por alguma colega nadadora?

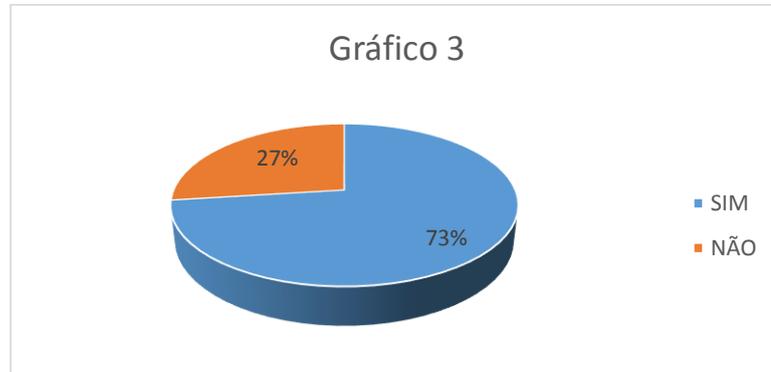


Fonte: O autor (2018)

De 29 mulheres, 27 relataram que perceberam algum tipo de misógino sofrida por uma colega nadadora (93%) e 2 relataram que não prestaram atenção e não tem condições de informar (7%).

Muitas vezes o que acontece com outras pessoas são mais facilmente notadas por quem observa e então acontece a necessidade de uma resistência/equidade de direitos pelo mesmo espaço que são frequentados majoritariamente por homens (TELES 2006).

Você sente algum desconforto em relação ao traje usado para a prática da natação (maiô) em relação aos colegas homens?



Fonte: O autor (2018)

De 29 mulheres, 21 responderam que se sentem desconfortáveis e relatam que não gostam da maneira que são observadas por seus colegas nadadores, destas, 2 mulheres com sobrepeso relataram que se sentem julgadas pelos mesmos por estarem fora do padrão imposto pela mídia e sociedade (73%).

Ambas as situações são derivadas da “cultura do estupro” pois o corpo feminino é, veiculado como objeto do desejo erótico, Loponte estudou as relações entre poder e artes visuais e concluiu que uma importante parte das esculturas e pinturas clássicas da arte ocidental tem no corpo feminino um recurso estético que abordam o desejo e a beleza, porém não se trata de um desejo pelas pinturas em si e sim de um corpo exposto e passivo ao olhar e desejo do outro, contemporaneamente percebemos esta utilização do corpo feminino como um referencial estético em propagandas para venda de produtos, em capas de revistas, adornar programas de auditório, entre outros, o corpo feminino também é tema de músicas, novelas e cinema, todo este contexto estimula o desejo de um outro (Loponte, 2002).

E 8 mulheres disseram não se importar com o traje (maiô) utilizado para as práticas de natação (27%).

Na sua opinião o esporte em geral ainda é em sua maioria dominado por homens?



Fonte: O autor (2018)

Das 29 mulheres, 28 responderam que sim, o esporte é um campo de dominação masculina (97%) e apenas 1 mulher discordou, ela não manteve argumento para justificar sua resposta (3%).

Segundo Bourdieu (1998) ao nascer o sexo da criança é observado e já determinado se será um dominador ou dominado, quando nasce uma menina (fragilidade) os pais tem o instinto de proteção pois sabem que na sociedade machista ela sofrerá abusos psicológicos e físicos, já quando nasce um menino (força) os pais sentem orgulho pois instintivamente sabem que será um dominador.

Tabela 1 - O que você entende por machismo?

Respostas compiladas
Quando o homem se acha superior a mulher.
Quando o homem acredita que as mulheres não devem ter os mesmos direitos, nem a mesma remuneração pelo mesmo cargo e com a mesma experiência.
Quando a mulher não tem direito de opinar em sua casa, trabalho, estudo etc.
Quando é imposto para a mulher que ela saiba cozinhar e fazer serviços domésticos, pois do contrário não conseguirá arrumar um marido.
Quando o corpo e mente da mulher são violados por algum homem mesmo que seja o cônjuge e a mulher não se sente no direito de reprimir.
Quando uma mulher é assediada na rua, trabalho, escola e tem que suportar e tolerar comentários grosseiros, piadas e risadas de desconhecidos ou mesmo de colegas.
A conta é sempre direcionada ao homem na mesa de um restaurante.
Quando ouvimos piadas sobre mulher no volante como se a capacidade de direção fosse inferior.
Quando algumas pessoas ainda se surpreendem quando uma mulher se mostra inteligente, capaz e bem sucedida em profissões consideradas masculinas como engenharia mecânica ou TI.
Ter a opinião desprezada em assuntos como futebol, lutas, carros, tatuagens e afins, mesmo que ela tenha o entendimento sobre assunto.
Ser ofendida com palavras duras como "vagabunda, vadia, piranha" e derivados porque rejeitou um homem na balada ou apenas por usar a roupa que escolheu.
Quando os homens decidem julgar as mulheres para namorar e as que servem apenas para "ficar", ou quando as mesmas são julgadas por sua aparência ou pelas companhias.
O sucesso da mulher é aceito se ela for casada, caso contrário ela recebe o status de solteirona mal amada que só pensa em trabalho.

O cuidado excessivo que a mulher tem que ter com o corpo, pois se não estiver dentro do padrão imposto pela mídia e sociedade ela é obrigada a ouvir que não vão arrumar marido, como se casar fosse mais importante do que a saúde mental.

Conviver com o medo constante de andar a noite sozinha ou em determinados locais pois sempre corre o risco de assalto e estupro.

Não usar roupas curtas ou decotadas por medo de julgamento e abusos.

Não pode ter amigos homens, não pode apenas sair com as amigas para beber e conversar.

Falar sobre sexo nem pensar, palavrões menos ainda pois já é considerada vulgar, "isso não é coisa de mulher".

Não ter o direito de reclamar das atitudes que a afligem, pois neste caso são consideradas "chatas, mal amadas, mal comidas, exageradas e o novo termo feminazi".

Fonte: O autor (2018)

Segundo TELES 2006 o comportamento e atitudes que recusam a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros assim favorecendo o sexo masculino sobre o feminino é o conceito de machismo, para estes existe um "sistema hierárquico" onde o masculino é superior feminino.

Tabela 2 – Desafios enfrentados por mulheres na prática da natação.

Respostas compiladas

Um grande desafio é ter que provar que a mulher tem a mesma capacidade de um homem.

Muitas vezes temos que ignorar assédios morais pois se reclamarmos os homens dizem que estamos nos vitimando.

Temos que lutar muitas vezes para que nas competições amadoras possamos participar da mesma prova sem discriminação.

Quando tem provas de revezamento misto os homens nunca querem mulheres, apenas aceitam uma para dizer que é misto.

Houveram casos de neste mesmo tipo de prova de revezamento homens gritar grosseiramente com mulheres e acusa-las de a equipe ter perdido a prova.

Ouvimos assédio dos colegas e até mesmo de professor, assédio disfarçado de elogio.

Quando não estamos no padrão imposto pela mídia que dita a moda do corpo sofremos desprezo por parte dos colegas e muitas vezes por professores.

Devido ao machismo acabamos nos estressando por cobrar de nós mesmas um resultado muitas vezes alto e a diversão acaba se tornando um “pesadelo”.

Os homens acham que tem direito a um espaço maior nas raias.

Muitas vezes os homens tiram sarro por chegarmos depois usando piadinhas do tipo “ué não quer direitos iguais”.

Fonte: O autor (2018)

Como já foi apresentado aqui anteriormente as mulheres sofrem discriminação na sociedade em geral e não é diferente nos esportes, segundo DEVIDE 2004 no fim século XIX e início do século XX a natação era considerado um esporte sem perigo e sem cargas pesadas então ideal para as mulheres desde que não fosse competitiva, até 1932 quando a nadadora brasileira Maria Lenk participou dos Jogos Olímpicos de Los Angeles inaugurando uma nova fase para as mulheres no esporte.

Tabela 3 – Mulheres nadadoras por elas mesmas.

Respostas compiladas
Ela é determinada, corajosa e busca alcançar suas metas.
A força faz parte do se caráter.
Emocionalmente equilibrada.
Tem reconhecimento mas não se importa com aprovação de colegas.
Autoconfiança, ama seu corpo, se exercita e se alimenta bem por prazer e não em busca de aprovação.
Não se importa com a opinião dos outros.
Inteligente e sempre bem informada.
Enfrenta o inesperado.
Focada em si.
Tende a ser empoderada e empoderar.
Sempre pronta para qualquer ameaça.
Sabia.
Transpira força e autoconfiança.
Marca sua presença.
Tem carisma e comando.
Ela sabe muito bem o que quer.
Sabe quando admitir erros.
É confortável de quem é.
Tem senso de humor, ri de si mesma.
Transforma seus sonhos em metas.
Ela conquista o que quer, quando e como quer.
Ela segue seus instintos e razão.
Sóbria de si.
Uma verdadeira heroína.
Ela sabe com qualquer situação.
Luta pelo certo.
Independente e vitoriosa.

Fonte: O autor (2018)

A mulher encontra-se em luta constante buscando na sociedade direitos iguais entre homens e mulheres mas acima de tudo, o respeito reconhecimento, e um papel social mais amplo, esta luta é observada nas mais variadas expressões culturais e é chamada de empoderamento feminino ALVES E PITANGUY (1985).

Tabela 4 – Situação de machismo durante as aulas.

Respostas compiladas

Cantadas disfarçadas de elogios que causam constrangimentos.

A maneira que alguns homens olham é claramente antiético e constrangedor.

Percebemos quando um homem chega primeiro na borda e nos olha “colocando a gente no lugar”.

Quando chegamos primeiro na borda no próximo exercício os homens tem a tendência infantil de superar, é perceptível o esforço que ele faz para não ficar atrás.

Quando vencemos alguma competição “foi sorte”.

Se eles reclamam sobre alguma atividade estão certos, já as mulheres estão de “mimimi” (frescura).

Quando os exercícios estão muito acelerados e uma mulher não acompanha logo já é recriminada com o olhar.

Uma frase muito dita durante as aulas “tinha que ser mulher”.

Dizer que foi brincadeira depois de algum constrangimento.

Quando não estamos bem ou estamos cansadas durante a aula já escutamos “deve estar na TPM”

Deve estar na TPM também é usado quando não aceitamos o assédio e reclamamos.

Quando nadamos bem e alcançamos um objetivo logo somos comparadas aos homens “olha só, nadou como homem”.

No caso de uma mulher com sobre peso os homens gostam de dizer coisas como, se vir sempre logo vai emagrecer, seu rosto é muito bonito, ou apenas nos olham com olhar baixo como de “pena”.

As mulheres que não sofrem assédio são as que vão com o namorado ou marido.

Quando a mulher é lésbica parece que o homem faz questão de mostrar o quanto é másculo, forte e poderoso.

Quando duas lésbicas namoradas ou casadas frequentam as aulas juntas aí é só murmúrios, sorrisos e olhares extremamente constrangedores.

Fonte O autor (2018)

Gostaria de comentar algo ou alguma situação que não foi citada nas questões anteriores e que tenha relação com o tema?

Das 29 mulheres, apenas 1 expressou um comentário.

“As mulheres estão ganhando espaço e trabalhos como o seu expõe o machismo aumentando a luta feminista pelo simples direito de igualdade e segurança, andar na rua sem sentir medo, poder usar roupas confortáveis sem sofrer assédio”.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa nos permitiu primeiramente validar nossa hipótese de estudo. Neste sentido podemos perceber, explicar e articular um fenômeno conhecido como cultura do estupro, dentro desta cultura a sociedade romantiza o assédio como sendo elogio e em casos mais graves com abuso físico a população coloca em questão a moralidade da vítima, como ela provocou tal situação ou não se cuidou o suficiente para que a situação fosse evitada, e muitas coisas são levadas em consideração como idade da vítima, onde costuma frequentar, seu corpo, sua vestimenta, sua família, talvez por algum momento passe na cabeça de algum cidadão que relação sexual forçada é crime, atitudes como esta vinda de um desconhecido não choca mais a sociedade, pois esta a banalizou, um pouco mais de atenção é dada quando o mesmo é feita por amigos, familiares, conhecidos, colegas, professores, porém ainda assim a ideia de consenso é maleável.

É assustador pensar que acontecem casos monstruosos como o de 2016 no Rio de Janeiro onde uma menina de 16 anos foi dopada, estuprada por 33 homens, filmada e exposta na internet, gerou pouca comoção social, ao contrário, gerou uma discussão sobre sua vestimenta, suas relações, locais que frequentava e até mesmo a culpabilizaram por estes motivos.

Casos como este acontecem todos os dias, porém a sociedade já não se importa com a violência mesmo que explícita, se uma mulher está sendo agredida na rua as pessoas passam longe e utilizam de ditados populares provavelmente criados por homens como “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”, simplesmente para não se comprometer de alguma forma com o problema em questão.

Outro caso que ocorreu em maio do mesmo ano foi um ator brasileiro que assumiu publicamente em rede nacional de televisão ter estuprado uma mulher e logo após a revelação foi oficialmente recebido pelo ministro da educação, e nenhuma punição foi aplicada o que faz perceber tamanha banalização que deixou o ator confortável em fazer tal revelação tendo em mente que nenhuma punição seria aplicada.

Esta mesma cultura do estupro se estende ao esporte, digo com base nos resultados deste estudo que as mulheres se sentem incomodadas com o assédio sofrido por homens durante seu momento de atividade física.

Com atletas de alto nível o assédio também ocorre, temos o caso da nadadora Joanna Maranhão que sofreu abusos de seu treinador desde 1996 mas teve coragem de relatar apenas em 2008, o caso teve tamanha repercussão que no ano seguinte o Senado Federal aprovou projeto de lei que alterava o Código Penal Brasileiro estabelecendo que o prazo de prescrição de abuso sexual de crianças e adolescentes seja contado a partir da data em que a vítima completar dezoito anos, este projeto foi aprovado pela Câmara dos Deputados no dia 22 de maio de 2012 e foi batizado pelos próprios parlamentares de Lei Joanna Maranhão.

Assim como em toda a sociedade, atletas de alto nível recebem uma visibilidade inferior à visibilidade dos homens, principalmente em esportes considerados “masculinos” como o futebol por exemplo, o assédio ocorre também de outras formas, mesmo nos esportes que a mulher tem uma maior visibilidade como no vôlei o salário ainda assim é inferior ao salário dos homens, segundo um artigo publicado por Caixeta (2016) na revista eletrônica Metrôpoles o salário das jogadoras é cinco vezes menor que o dos homens, de acordo com a Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe (CEPAL), mulheres recebem, em média, 25,6% menos que os homens, ainda neste artigo Caixeta fala sobre a premiação do Grand Prix¹ uma das principais competições de vôlei do mundo, em que a seleção feminina brasileira venceu em primeiro lugar e recebeu uma premiação em dinheiro no valor de US\$ 200 mil (cerca de R\$ 660 mil), valor este que foi dividido pelos integrantes, já o valor pago aos campeões da Liga Mundial, competição disputada pelas seleções masculinas é de US\$ 1 milhão (R\$ 3,3 milhões), o valor pago às meninas é menor até que o pago ao terceiro colocado da Liga Mundial, que é de US\$ 300 mil (990 mil), um pequeno exemplo da importância do feminismo já que uma das discussões é a equiparação salarial em todos os níveis profissionais.

Situações de assédio e dominação masculina ocorrem de várias formas em vários setores sociais e todos os dias, porém situações que incluem violência contra mulheres e meninas poderiam ser evitadas ou ao menos amenizadas se houvessem mais debates públicos e maiores consequências políticas, seria necessário uma reforma pedagógica para que desde criança houvesse um entendimento de que a vontade de meninas e mulheres deve prevalecer, porém as propostas de discussão

¹ A partir de 2018 a Federação Internacional de Voleibol (**FIVB**) decretou que tanto o campeonato feminino quanto o masculino terão o nome modificado para Liga das Nações de Voleibol.

das relações desiguais de gênero na escola têm sido acusadas de “ideologia de gênero” por um discurso político fundamentalista e religiosos que vem ganhando força na sociedade e tomando o lugar do raciocínio lógico, estes mesmos defendem publicamente a inferiorização da mulher, no caso de religiosos afirmam defesa de suas ideias escritas em seu livro sagrado escrito por homens para homens.

No Brasil vem crescendo absurdamente no senado uma bancada denominada evangélica que defende total dominação masculina não deixando que mulheres tenham direito sobre seus próprios corpos, estes mesmos que agridem e ignoram o significado de estado laico que separa estado da religião e consta na constituição brasileira desde 1988.

Talvez não seja exagero afirmar que os rumos recentes da sociedade tenham como consequência o fortalecimento da dominação masculina e a banalização da violência contra mulheres.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. **“As mulheres nos esportes equestres: uma prática histórica e uma luta pela igualdade”**. Revista Horse Business, São Paulo: Taos Editora, v. 9, n. 42, p. 78- 83, set. 1998b.
- ALVEZ, B. M.; PITANGUY, J. **O que é o feminismo**. São Paulo: Brasiliense , 1985.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BARTKY, S. **“Foucault, Femininity and the Modernization of Patriarchal Power.”** In: CONBOY, Katy; MEDINA, Nadia; STANBURY, Sarah (eds.). Writing on the Body: Female Embodiment and Feminist Theory. New York: Columbia University Press, 1997. p. 129-154.
- BORDO, S. **“O corpo e a reprodução da feminidade: uma reapropiação feminista de Foucault”** In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan. (Orgs.). Gênero, corpo, conhecimento. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997a. p. 19-41.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a.
- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. França, 1998.
- BOURDIEU, P. e a teoria do campo esportivo. In: Marcelo Proni; Ricardo Lucena. (Org.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, p. 77-111, 2002.
- BRUMBERG, J. J. **The Body Project: an Intimate History of American Girls**. New York: Random House, 1997.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J. **“Performative Acts and Gender Constitution.”** In: CONBOY, Katy; MEDINA, Nadia; STANBURY, Sarah. Writing on the Body: Female Embodiment and Feminist Theory. New York: Columbia University Press, 1997. p. 401-417.
- CAIXETA, H. **Machismo no vôlei: mulheres recebem cinco vezes menos que homens**. Disponível em: <https://www.metropoles.com/esportes/volei/machismo-no-volei-mulheres-recebem-cinco-vezes-menos-que-homens> Acesso em:07 jun. 2018.
- CASTELLANI F. L. **Esporte e mulher**. In: OLIVEIRA, J. G. M. de O.; COELHO SOBRINHO, J.; TAMBUCI, P. L. (Org.). Esporte e jornalismo. São Paulo: CEPEUSP, 1997. p. 91-100.

CUNHA J. C.; ALTMANN, H.; GOELLNER, S. V. e MELO, V. A. de. **Women and sports in Brazil**. In: CHRISTENSEN, K. International Encyclopedia of Women and Sport. USA: Macmillian, 1999.

DAOLIO, J. **Cultura, educação física e futebol**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

DEVIDE, F. P. 2003 **História das mulheres na natação brasileira no século XX: das adequa es às resistências sociais**. 2003. 347 f. Tese (Doutorado em Educa o Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

FIVB. Federa o internacional de voleibol. **Volleyball nation league**. Disponível em <<http://www.fivb.com/>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

FOUCAULT, M. **A psicologia de 1850 a 1950**. In: **Ditos e Escritos I - Problematiza o do a sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise** (p.133-151). 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

GOELLNER, S. G nero. In. González, F.J; Fensterseifer, P. E. (Orgs). **Dicionário crítico de Educa o Física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipula o da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Ed Afiliada Rio de Janeiro 1997.

IANNI, O. (1997), **Teorias da globaliza o**. 4^a ed., Rio de Janeiro, Civiliza o Brasileira.

KNIJNIK, J. D. **A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história**. São Paulo: Mackenzie, 2003.

LENK, M. **Braçadas & abraços**. Rio de Janeiro: Gráfica Bradesco, 1986.
_____. **Nata o**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1942.

LOPONTE, L. G. **Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino**. Estudos Feministas, ano 10, n. 2, p. 283-300, 2002.

MARCHI J. W. **“Sacando” o Voleibol**. São Paulo: Hucitec; Ijuí: Unijuí, 2004.

MOLYNEUX, M. **Movimientos de mujeres en América Latina**. Un estudio teórico comparado. Madrid: Catedra: Universidad de Valencia. 2003.

PARKER, R.; AGGLETON, P. 2002 (in press). **HIV- and AIDS-Related Stigma and Discrimination: A Conceptual Framework and Implications for Action**. Social Science and Medicine.

PASSOS, E. B.; REGINA, B. **Clínica e biopolítica na experiência do contemporâneo**. Psicologia Clínica Pós-Gradua o e Pesquisa (PUC/RJ), PUC-RJ, v. 13, n. 1, p. 89-99, 2001.

POCAHY, F. **A pesquisa fora do armário: ensaio de uma heterotopia quer.** Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, UFRGS, Porto Alegre/RS, 2006.

POLIT, D.F.; BECK, C.T.; HUNGLER, B.P. **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem, Métodos, avaliação e utilização**, 5ª edição, artmed, Porto Alegre, 2004, 487 p.

PRIORE, M. D. (Org.) **História da mulher no Brasil**. São Paulo: Contexto.1999.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

SALVINI, L. **Novo mundo futebol clube e o “velho mundo” do futebol: considerações sociológicas sobre o habitus esportivo de jogadoras de futebol.** Dissertação de mestrado, Setor de Ciências Biológicas, UFPR, Curitiba/PR, 2012.

SCHPUN, M. R. **Beleza em jogo:cultura física e comportamento** em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Boitempo, 1999.

SCHUMAHER, S.; BRAZIL, É. **Dicionário de mulheres do Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TELES, M. M. A.; MELO, M. **O que é violência contra mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

TELES, M. A. A. **O que são direitos humanos das mulheres**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

YOUNG B. E. **The anatomy of prejudices**. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

APÊNDICES

	<p>Ministério da Educação Universidade Tecnológica Federal do Paraná Departamento Acadêmico de Educação Física – DAEFI Curso de Bacharelado em Educação Física</p>	 <p>UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ</p>

APÊNDICE 1- QUESTIONÁRIO

1. Você se sente totalmente à vontade durante as aulas de natação?

sim

não

Caso não, relate

.....

.....

2. Durante a prática da natação você já percebeu ou teve relato de algum tipo de misoginia sofrida por alguma colega nadadora?

sim

não

Caso sim, relate

.....

.....

3. Você sente algum desconforto em relação ao traje usado para a prática da natação, no caso o maiô em relação aos colegas do sexo masculino?

sim

não

4. O que você entende por machismo?

.....

.....

.....

.....

5. Quais os maiores desafios enfrentados por mulheres na prática da natação em relação ao sexo masculino?

.....

.....

.....

.....
6. Como você define a mulher nadadora num ambiente onde os homens são tidos como dominadores levando em consideração a história onde o esporte foi inicialmente criado por homens para homes?

.....
.....
.....

7. Na sua opinião o esporte ainda é em sua maioria dominado por homens?

.....
.....
.....
.....

8. Como você identifica uma situação de machismo durante as aulas?

.....
.....
.....
.....

9. Gostaria de comentar algo ou alguma situação que não foi citada nas questões anteriores e que tenham relação com algum mal-estar causado por machismo?

.....
.....
.....
.....

	Ministério da Educação Universidade Tecnológica Federal do Paraná Departamento Acadêmico de Educação Física – DAEFI Curso de Bacharelado em Educação Física	 <small>UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ</small>

APENDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Titulo da pesquisa: A Mulher na Natação e os Preconceitos Implícitos.

Pesquisadora: Krishna Lainequer Kohler. Rua Adolfo Bonaroski, 84 – Curitiba-PR.

Orientador: Profº Dr. Gilmar Francisco Afonso. Rua Dep. Mário de Barros, 833, ap. 106 – Centro Cívico – Curitiba-PR

1. INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

Apresentação da pesquisa

Este trabalho terá como objetivo principal apresentar o preconceito sofrido por mulheres que praticam a natação, a principal abordagem utilizada será a do sociólogo Pierre Bourdieu. A pesquisa conta com relatos da nadadora Maria Lenk obtidos de seu livro Braçadas e Abraços de 1982. Esta pesquisa se desenvolverá sob metodologia mista que envolve qualitativa e quantitativa utilizando como instrumento de pesquisa um questionário que buscará conhecer as experiências das nadadoras envolvendo o sexo oposto.

2. Objetivo da pesquisa

Analisar os fatores que determinam o preconceito contra as mulheres nos treinos de natação em uma escola da cidade de Curitiba/PR

3. Participação na pesquisa

Sua participação na pesquisa será na forma de respostas a um questionário individual, não tendo nenhum custo financeiro com a sua participação ou ônus que possa advir, bem como nenhum ganho futuro com a pesquisa.

4. Confidencialidade

Seus dados serão mantidos em sigilo, em arquivo de banco de dados de acesso restrito ao pesquisador e protegido por senha.

5. Desconfortos, Riscos e Benefícios

a) Desconfortos e/ou Riscos:

Poderá haver certo constrangimento ao responder o questionário. Afim de minimizar este possível constrangimento, será explicado as participantes que seus nomes não serão divulgados.

b) Benefícios:

As mulheres poderão se expressar e contribuir para a luta feminina contra a dominação masculina.

6. Critérios de inclusão e exclusão

a) Inclusão: Mulheres adultas de 20 a 40 anos praticantes de natação de uma escola em Curitiba-PR.

b) Exclusão: Mulheres que faltarem no dia da aplicação do questionário.

7. Direito de sair da pesquisa e esclarecimentos durante o processo

Em qualquer momento você pode desistir de participar desta pesquisa, permanecendo sem nenhuma obrigação com relação à mesma.

8. Ressarcimento ou indenização

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar desta pesquisa.

CONSENTIMENTO

Eu, _____, declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: ___/___/___ Telefone: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura:

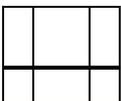
Data: ___/___/___

Eu, Krishna Lainequer Kohler, declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura:

Data: ___/___/_____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Krishna Lainequer Kohler via e-mail: kri_lk@hotmail.com telefone:(41) 99944-6440.



	<p>Ministério da Educação Universidade Tecnológica Federal do Paraná Departamento Acadêmico de Educação Física – DAEFI Curso de Bacharelado em Educação Física</p>	
---	--	---

**APENDICE – 3 TERMO DE COMPROMISSO E DE
CONFIDENCIALIDADE DE DADOS**

Título da pesquisa: Mulher na natação e a dominação masculina.

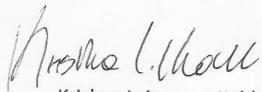
Nós Krishna Lainequer Kohler e prof. Dr. Gilmar Francisco Afonso pesquisadores responsáveis pela pesquisa intitulado: Mulher na natação e a dominação masculina, nos comprometemos a respeitar cada indivíduo.

Com relação à coleta de dados da pesquisa, os pesquisadores neste firmados, asseguram que o caráter anônimo sobre as respostas obtidas nos questionários respondidos pelas alunas das escolas de natação serão mantidos e suas identidades serão protegidas.

Os documentos submetidos não serão identificados pelos nomes e sim por códigos.

Os pesquisadores manterão um registro das participantes de maneira sigilosa, contendo códigos, nomes e endereços para uso próprio, serão mantidos pelos pesquisadores em confidencia estrita, juntos em um único arquivo.

Curitiba 20 de Outubro de 2017


Krishna Lainequer Kohler


Gilmar Francisco Afonso